

Aromas especiais no *Café* de Mário de Andrade

Tatiana Longo Figueiredo¹

DOI: 10.11606/issn.2316-901X.voi62p217-234

O percurso criativo mariodeandradiano só pode ser vislumbrado em uma perspectiva mais ampla no estudo de suas obras inacabadas, uma vez que o escritor tinha por hábito eliminar registros das etapas de criação das obras que via publicadas. Sob essa perspectiva, o romance *Café*² é fonte preciosa, conforme as descobertas da pesquisa que culminou na minha tese de doutoramento *Café: o trajeto da criação de um romance inacabado de Mário de Andrade*³.

No manuscrito, em meio às versões de texto dos dois primeiros capítulos, a profusão de notas de trabalho para os cinco capítulos planejados vale-se de pequenas folhas destacadas de bloco de bolso, das quais uma parcela distingue-se por exibir, no canto superior esquerdo, numeração a grafite, do mesmo tipo daquela presente na primeira versão conhecida do capítulo que abre *Café*. Entretanto, quando se busca relacionar as notas numeradas e os números marcados nessa primeira versão conhecida do texto, percebe-se que poucos coincidem. É relevante notar que os números inseridos nessa versão do romance não seguem a sequência numérica; basta dizer que os números 1 e 2 estão na última folha, fato que leva à conclusão de que o elenco numérico sequencial estaria preso às notas. O cotejo da primeira com a terceira versão do início de *Café* revela que os números presentes na primeira versão do manuscrito funcionam como chamadas para sinalizar os pontos em que deveriam ser feitas inserções no texto. Cabe ressaltar que a segunda versão foi posta de lado para confronto por se tratar de versão

1 Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, Brasil).

2 Dos cinco capítulos planejados para o romance, dois chegaram a versões de texto e estão disponíveis em: ANDRADE, Mário de. *Café*. Estabelecimento do texto, introdução, posfácio e seleção de imagens por Tatiana Longo Figueiredo, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

3 Todos os documentos do processo criativo das onze fases da criação do romance *Café* de Mário de Andrade podem ser conhecidos em fac-símile, transcrição e classificados à luz da crítica genética na versão eletrônica de minha tese de doutoramento na FFLCH-USP, *Café: o trajeto da criação de um romance inacabado de Mário de Andrade*, defendida em 10 de agosto de 2009, sob a orientação de Telê Ancona Lopez. Ver www.teses.usp.br.

parcial, com nove fólhos apenas⁴. Conforme o costume do escritor, ao passar o texto a limpo, realizado o acréscimo assimilando a ideia oferecida pela nota, esta, ao perder a função, teria sido descartada. Por esse motivo, conclui-se que a maior parte das anotações numeradas resistiu porque não foram encontrados os pontos convenientes para os acréscimos, ou, porque a inclusão, na mobilidade do processo criativo, ainda seria reavaliada.

À página 12 da primeira versão do manuscrito, sobressai o trecho que assinala o ponto de inserção da nota preparatória, cujo número (22) fora circulado pelo lápis vermelho:

Perguntava se Chico Antônio não carecia de nada e de tarde passeou o estranho por todos os cafés frequentados. (22) Chico Antônio se deixou fazer um sucesso despercebido, respondendo pra todos com bondade, mas fatigadíssimo⁵.

Também na página 12, todavia na terceira versão conhecida do texto, a cópia “passada a limpo” amplia circunstâncias da ação e realiza o acréscimo referente à nota (22), destacada em itálico na transcrição abaixo:

Perguntava se Chico Antônio não carecia de nada, passou-lhe uns cobrinhos, e de tarde, depois de muita insistência, passeou o jóquei do Rio por todos os cafés e bares frequentados. *Mas não o deixava tomar café, com medo que pusessem suor de cavalo na bebida, que dá loucura.* E Chico Antônio se deixou fazer um sucesso despercebido, respondendo pra todos com bondade mas fatigadíssimo.

No manuscrito de *Café* não consta a nota 22, mas a pesquisa, considerando o trabalho de Mário de Andrade etnógrafo, procurou resgatar essa propriedade do suor de cavalo, consultando, em seu livro *Namoros com a Medicina*, a parte referente à “Medicina dos excretos”, onde nada encontrou sobre suor. Pode, contudo, localizar, fruto de trabalho de campo no interior de São Paulo, este registro sobre a acepção negativa que cerca a excreção equina: “É crença na roça que o cavalo e o burro são animais amaldiçoados [...]. Por essa razão suas urinas fazem mal pra nós cristãos⁶”.

Sem dúvida, a marginália de Mário de Andrade na biblioteca que a ele pertenceu, dá acesso à “musa inspiradora”, ou seja, às leituras, à pesquisa e à coleta de dados, às matrizes, enfim, que tanto alimentam estudos quanto instituem os diálogos da criação, como salienta Telê Ancona Lopez:

4 A segunda versão do texto, que se comprova como tal no confronto com a primeira, também traz no cabeçalho a indicação a lápis vermelho: “Primeira versão”, corroborando a ideia de um provável descarte assim que a versão estivesse completa, o que de fato não ocorre.

5 Na transcrição optamos pela atualização ortográfica pela norma vigente.

6 Nota de pesquisa, coleta atribuída a José Bento Faria Ferraz, secretário do escritor que incentivava seus próximos a recolher documentos da cultura popular. Em livro de 1966, *No mundo maravilhoso do folclore* (Rio de Janeiro: Tipografia Batista de Souza), Hernani de Carvalho se refere à crença popular ligada à urina de cavalo, estudo, obviamente, não consultado por Mário de Andrade.

Nas influências reconhecidas, nas leituras declaradas, na presença de determinadas obras na biblioteca do autor, em todas as formas e feições do recriar recortam-se, entretanto, matrizes. São sempre textos – longos ou breves, motivos, sequências, cenas, personagens etc. – responsáveis pela recriação que se afirma com originalidade, integrada em um novo contexto⁷.

Continuei no encaicho da peça que solucionaria a charada mesmo após a defesa de minha tese de doutorado, na qual, aliás, a lacuna e o difícil caminho a ser trilhado foram apontados: o levantamento exaustivo e/ou uma certa dose de sorte ao revolver todo (!) o palheiro em busca dessa agulha. A expectativa de encontrar a informação em uma biblioteca de 17 624 volumes foi dividida com os membros da Equipe Mário de Andrade, no IEB-USP. A mestrandia Marina Damasceno de Sá (a quem agradeço especialmente)⁸ localizou-a no livro de Afrânio Peixoto, *Missangas*⁹, editado em 1931, no capítulo “Superstições populares relativas à saúde, doença e morte”, de onde teria sido puxada para a nota 22 do romancista. Durante a redação de *Café*, o escritor recorre à coleta do folclorista Afrânio Peixoto, em que na subdivisão “Coisas que fazem mal e que se devem evitar”, à página 26, destaca, por meio de colchete, cruzeta e anotação marginal “Café”, esta “receita” popular:

Queimar os cabelos produz loucura.

O mesmo efeito produz café com suor de cavalo.

O anzol do escritor não deixa escapar o achado e motiva o registro da informação em folha de bloco de bolso, na qual apõe o número “22”. Encontrando seu ponto de inserção e realizado o acréscimo no texto, a nota de trabalho que se prendia ao livro foi descartada.

7 LOPEZ, Telê Ancona. Matrizes, marginália, manuscrito, em: *Anais: Congresso da Abralic — Literatura e memória cultural*, v. I., Belo Horizonte: Abralic, 1991, p. 431.

8 A dissertação de mestrado defendida na FFLCH-USP, constituiu-se na edição anotada de *O empalhador de passarinho* de Mário de Andrade, tendo como orientadora a Profa. Telê Ancona Lopez.

9 PEIXOTO, Afrânio. *Missangas: poesia e folclore*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931, p. 26.

-Dê a mão, ~~3333~~ vam' !

O cavalo mexia incomodado. Tirava a cara de apêio, olhava pro companheiro sorrindo, fazia um carinho, pensava que o outro estava satisfeito e voltava prá posição.

-Dê a mão, bichinho.

E estendeu a em cujo ombro o animal se apoiava. O animal deu a mão.

O Schiavone estava muito inspirado por tudo e queria que Chico Antonio fosse treinar o cardão na pista, como seu doutor Luis fizera. Os cinemas também faziam isso. No fundo era um receio que viera no meio das tantas vitórias que já pabulara por aí. Chico Antonio estava certo mesmo de fazer o cavalo andar todos os dias porém correr sozinho numa pista isso parecia inconcebível pra êle. Afinal cedeu.

Foram pra lá no dia seguinte com a italianada e uns moleques. Sem puxar, o cardão bateu por mais de cinco segundos o galope sabido do inglês. O Schiavone criou alma nova. Perguntava si Chico Antonio não carecia de nada e de tarde passeou o estranho per todos os cafés frequentados. ~~de tarde~~ 22 Chico Antonio se deixou fazer um sucesso despercebido, respondendo pra todos com bondade mas fatigadissimo.

As apostas cresciam com a rivalidade que já estava degenerando em malquerença. Toda a gente apostava. O Schiavone não se compreendia mais a si mesmo, tinha seis contos empenhados, êle que nunca jogava e penara pra enriquecer. ^{Sofria} ~~3333~~ surpresas chocantes quando a ideia de seis contos ^{de} batia na cabeça ^(queremo que) como um trompaço. Vinha um frio por dentro e dava umas gargalhadas amarelas que deixava os mineiros muito desconfiados. Afinal o Schiavone achou um jeito de sossegar. Os seis contos eram um saluto a Mussolini, o grande Duce que então enchia os jornais e "libertara" a Italia. Si perdesse não fazia mal, era um saluto. ~~E~~ o Schiavone tinha certeza de ganhar.

Na ^{quarta} quinta-feira durante o dia ~~333333~~ um negrinho desconhecido veio falar pra Chico Antonio segui-lo que queriam conversar com êle. Chico Antonio foi, sem imaginar. Os dois deixaram as ultimas chacras e depois dum bom estirão, tomaram por uma especie de picaça sem utilidade num caponete ralo. De outro lado na entrada dum campo estav um moço direito. Junto dele pastava um cavalo maravilhoso, cor-de-chumbo. Mas Chico Antonio estava vivendo pro moço ~~A~~, nem pôs reparo no animal.

Luis perdera o princípio da intenção, não sabia começar. Afinal disse não sabendo o que ia tirar da frase:

-Você monta a cavalo?

Figura 1. Página 12 da primeira versão do romance *Café*, em que o número "(22)" marca o ponto de inserção de nota preparatória

momento longo. Chico Antônio erguia a boca e bem na orelha ~~de~~ imóvel do cardão, continuava falando coisas, chamando o companheiro de "bichinho".

-Dê a mão, ~~agora~~ bichinho'.

O cavalo não entendia direito, e ficava inquieto, percebendo bem que a frase fôra um pedido.

-Dê a mão, vam'.

E estendeu a própria. O cavalo deu a mão.

Schiavone andava inspirado por tudo e queria que Chico Antônio fosse treinar o cardão na pista, como seu doutor Luís fizera. Os cinemas também faziam isso. No fundo viera aos poucos se avolumando uma ~~de~~ dúvida, no meio de tantas vitórias que já pabulara por aí. Chico Antônio estava mesmo certo de fazer o cavalo galopar todos os dias, porém galopar assim, sozinho, numa pista, lhe parecia inconcebível, mas acabou cedendo. Foram pra lá na quarta-feira, com a italianada e ~~os~~ moleques. Sem puxar muito, o cardão bateu por mais de cinco segundos o tempo sabido do inglês. Schiavone criou alma nova. Perguntava si Chico Antônio não carecia de nada, e de tarde, depois de muita insistência, passou o jóquei do Rio por todos os cafés e bares ~~de~~ frequentados. Mas não o deixava tomar café, com medo que pusessem suor de cavalo na bebida, que dá loucura. E Chico Antônio se deixou fazer um sucesso despercebido, respondendo pra todos com bondade mas fatigadíssimo.

As apostas cresciam muito com a rivalidade que agora degenerara em franca malquerença. Toda a gente apostava. O Schiavone então nem se compreendia mais a si mesmo, tinha seis contos empenhados, êle que nunca jogara e penara pra enriquecer. Sofria suspiros chocantes quando a noção dos seis contos lhe batia na cabeça mesmo que um trompaço. Vinha um frio por dentro, dava umas gargalhadas amarelas que deixavam os mineiros muito desconfiados. Mas achava logo um jeito de sossegar, lembrando a Italia, o grande Duce, a honra da Italia que se desafogava num sacrificio de seis contos jogados fóra, não fazia mal que perdesse. E o Schiavone tinha ~~de~~ certeza de ga har.

Na sexta-feira, ali pela uma hora do dia, um negrinho ~~de~~ veio falar pra Chico Antônio segui-lo que queriam muito falar com êle. Chico Antônio foi, sem ~~se~~ imaginar. Os dois deixaram as últimas chaças, e depois dum pequeno estirão, tomaram por uma espécie de picada sem utilidade, num caponete ralo. Do outro lado, na entrada dum campo, estava um moço direito. Junto d'êle pastava um cavalo maravilhoso, cor-da-chumbo. Mas Chico Antônio estava preocupado em responder á saudação do moço direito, nem pôs reparo no animal.

Luís perdera o princípio da intenção, estava envergonhado e não sabia

Figura 2. Página 12 da terceira versão do romance *Café*: reescrita que demonstra o acréscimo no texto de informação oriunda da nota "(22)"

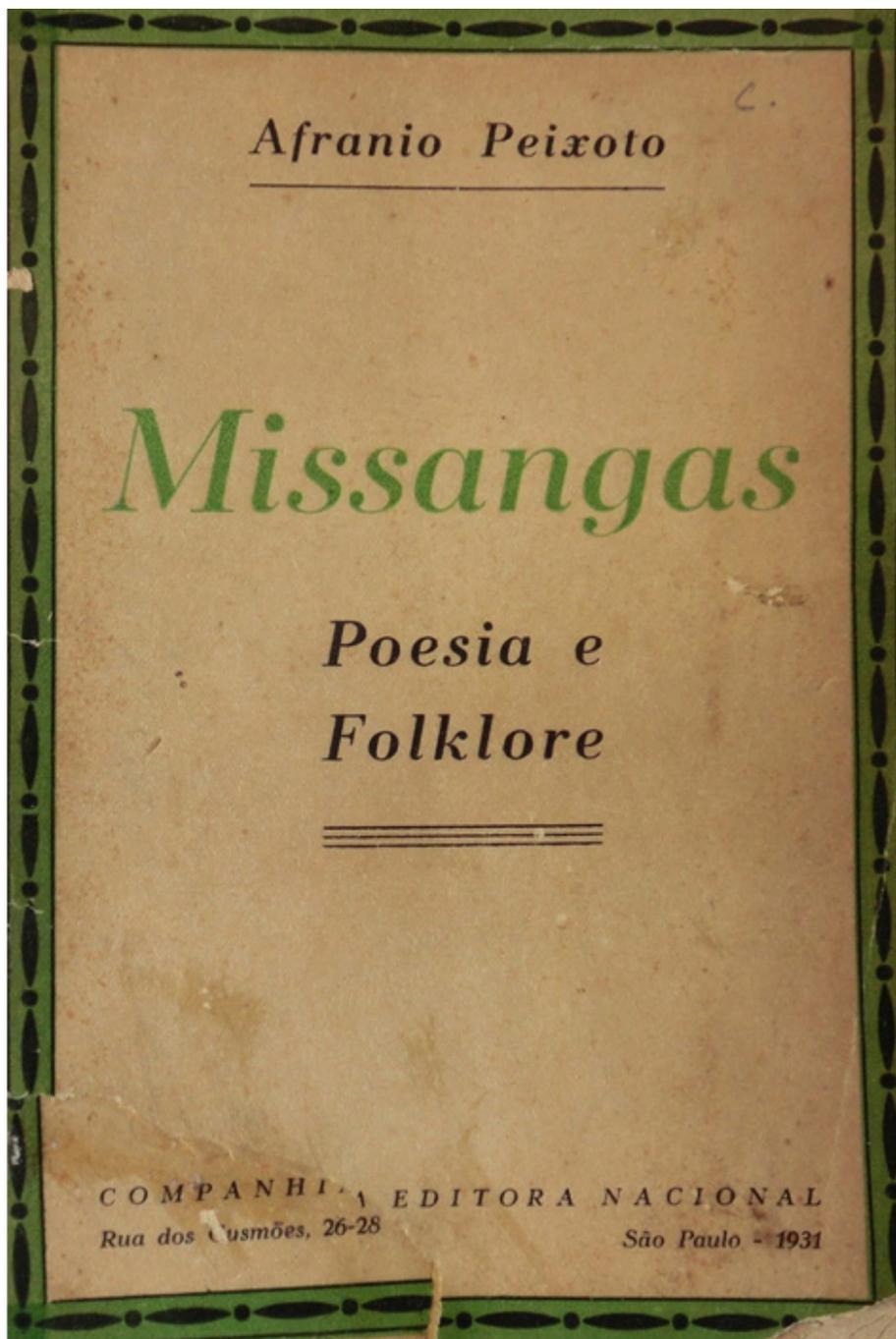


Figura 3. PEIXOTO, Afrânio, *op. cit.* 1931.

Cuspir no fogo faz secar a saliva e faz ficar hetico.

Tambem produz tísica beber agua com a luz na mão.

Fazer a barba depois da comida produz congestão.

Beber agua cansado, sem molhar antes os pulsos, estopóra.

Carne fresca faz repetir sezões.

Cortar as unhas sexta-feira faz criar espigas nos dedos.

Vacina em época de andaço faz apanhar bexiga.

Misturar bebidas é embriaguez certa.

Fruta azeda depois de beber leite é veneno.

Tambem é veneno ovo quente em jejum.

Queimar os cabelos produz loucura.

O mesmo efeito produz café com suor de cavalo.

Agulha enterrada na pele percorre o corpo todo.

A agulha com que se cose mortalha deve ir para a cova com o defunto.

Vela que se põe em mão de moribundo deve consumir-se toda; guardado, morre outra pessoa em casa.

Baú ou gaveta aberta chama a morte para a casa.

Figura 4. Página de *Missangas: poesia e folclore*, livro de Afrânio Peixoto que pertenceu a Mário de Andrade, com anotação de leitura

É possível, ainda, expor mais uma faceta da diversidade do processo criativo de *Café* em um documento que põe em foco não mais a escrita nutrida pela biblioteca, mas a utilização da experiência de Mário de Andrade como matéria a ser explorada pela ficção. Em “*Café/ Política e eleições*”, nota/ esboço vinculado à sexta fase de criação do romance, percebe-se, no engendramento da narrativa, a intenção de assimilar o testemunho vivido e o cálculo para evitar anacronismo. O episódio esboçado coloca em cena os personagens do romance *Café* Carlos e o Católico nas controversas eleições de 1930, em que Júlio Prestes, do Partido Republicano Paulista - PRP, é eleito presidente da República, vencendo Getúlio Vargas da Aliança Liberal, apoiada pelo Partido Democrático:

Quando o Católico se mete na política quem sabe se é preferível em vez de fazê-lo Comunista, fazê-lo Democrático, porque isso penetra mais fundo na verdade do país e do Estado. E então fazê-lo fiscal numas eleições porque assim descrevo o roubo de livros e a recusa de boletins a que assisti na Penha. O Católico representaria o dr. Moraes Andrade¹⁰ e no meu papel de assistente eu botaria o próprio Carlos, que estando então em maré de miséria sentimental fora acompanhar o amigo e protegê-lo. A cronologia fica perfeitamente justa pois a parte central do livro, “Carlos e Maria” se dá no arrebentar da crise do café por fins de 1929, e as eleições são a 1º de março de 1930. Abandonada Maria por Carlos em outubro de 1929, dá tempo pro Católico resolver brilhar nalguma coisa, entrar pro Partido Democrático e ser fiscal da Penha.

Ainda no mesmo documento, a verossimilhança ficcional é apoiada em “Detalhes da descrição do pleito na Penha” em que o escritor esmiúça a ambiência e as figuras envolvidas:

Tudo muito bem até a hora de entrega de boletins, aos fiscais democráticos.

Descrição da cidade. Abstenção de votar por medo de briga ou de pressão por operários e gente do povo. Estudo aqui da nova raça estrangeiro-brasileira dos paulistas. Os verdadeiros paulistas, os paulistas do séc. XVII, esses quase não existiam no Estado, tinham ido povoar Minas, Goiás, Mato Grosso, Rio Grande do Sul. Os novos paulistas eram esses simili-brasileiros filhos de italianos, espanhóis, sírios, alemães etc. etc. mestiços sem nenhuma coragem, mestiços de Caporeto.

Os automóveis de votantes. Corso de machos pela cidade.

10 O advogado Carlos de Moraes Andrade, irmão de Mário, era filiado ao Partido Democrático.

Os cartazes rasgados e escadas pra conservar cartazes incólumes. Nas casas de família, a senhora de alta sociedade que ameaçada de carabinas assim mesmo rasgou os cartazes nos muros da casa dela.

Os abstencionistas ricos P. Prado, Yan, Couto de Barros, Rubens, frouxos de merda, que acabavam ocultando um sorriso de superioridade à inenarrável vergonha moral de que se sentiam tomados.

Os carnavalescos danados com a eleição e só se preocupando com fantasias e bailes e corso. O pleito caiu justo no sábado de Carnaval. O Diretório perrepista do Brás se aproveitou disso iluminando as avenidas Celso Garcia e Rangel Pestana profusamente, dando circo pro povo sem-vergonha. Grandes panos atravessando as 2 avenidas de lado a lado, Viva o dr. Júlio Prestes, Viva o dr. Sílvio de Campos etc.

Fatos isolados de independência política. Em S. Miguel onde nem havia partido democrático, tudo era perrepista, o ítalo-brasileiro que quis votar no Getúlio Vargas. Pressão da mesa. Ou me deixam votar no Getúlio ou então não voto! Ameaças do chefe perrepista. – Então não voto! Tão insólito o caso que acabaram deixando, um voto só! Em Osasco 6 000 eleitores! tudo por causa dum pai que se sujeitou a tudo por causa da filha professora que ele queria colocar em S. Paulo.

Penha, hora dos resultados. Júlio Prestes só com 50% a mais, o que era uma vitória estupenda pros democráticos. Recusa de entrega de boletins da mesa da 1ª secção. 3ª e 5ª entregaram. A 7ª continuava apurando. 2ª e 4ª não funcionavam.

A notícia da recusa da 1ª secção correu rápida no edifício do Grupo Escolar onde as mesas estavam funcionando. Os perrepistas se entressorriam. Os democráticos se contavam o caso já amedrontados. Pouco a pouco a sala se enchia de indivíduos manifestamente capangas e que se encostavam com a maior intimidade aos perrepistas bem vestidos, gente fisicamente distinta. Cochichavam coisas no ouvido destes. Perrepistas semimorais, os que tinham funcionado nas 3ª e 5ª secções e que tinham por desfastio chegado até a sala da 7ª foram se retirando. Os democráticos foram se retirando com

medo. Carlos via horrorizado, encostado numa janela, toda a manobra e o Católico abandonado naquele meio de morte.

O mocinho de dezoito anos que Carlos não podia por então explicar a importância que ele se dava não tendo parada, satisfeito, vaidoso de si, trocando olhares e sorrisos de conivência com os chefões perrepistas que nem lhes respondiam ao sinal. O mocinho só atirou pros capangas, recebendo destes a homenagem de inveja que merecia.

O esboço surge compondô:

Principiou a história. O Católico que também percebia tudo, mas como reagir? passou afetando calma, os boletins pro presidente da mesa. – O sr. tenha bondade de me encher os boletins. Um pequeno momento de hesitação do presidente, professor de olhos baixos, magruço e caixa-dóculos, um dos famosos responsáveis pela tragédia de Palmital. – O sr. secretário terá a bondade de encher os boletins.

O secretário era um negrão doce vestido de cinza claro, que desesperado, mandado pelos cochichos recebidos que não encheria boletim nenhum, olhos baixos, morrendo na maior das degradantes vergonhas, mexia nos papéis sem saber o que fazer. O mesário perrepista ao lado dele o salvou. – Escreva a ata primeiro. E foi ditando a ata que o secretário escrevia em letra agitada e sem nexô.

Então apareceu no grupo de capangas que rodeavam a mesa a figura glabra dum miserável sabido do bairro, bêbado contumaz e pederasta passivo. Seu presidente! acabam de telefonar da sua casa pro sr. ir lá que sua senhora está muito grave. O presidente afetou uma agitação dramática. Minha mulher!... Levantou. Sentou. Levantou. – Vamos seu presidente, o automóvel está esperando. O presidente saiu correndo. De repente voltou. O mote d'ordre era outro. “Evitar brigas o mais possível”. Voltou. – Seu secretário eu deixo os boletins assinados, o sr. dá boletins parciais. Sem olhar pra ninguém. O Católico: – Sr. Presidente, eu quero boletins totais como a Lei exige. O canalha nem respondeu. O pederasta, olhava do outro lado os chefões e incapaz de representar, falava com a máxima calma – Vamos seu presidente, sua senhora está muito grave! E olhava pros lados outra vez. E lá foi o presidente correndo.

Começou então a discussão. O Católico sempre afetando calma, passou os boletins pro secretário. – Seu secretário, não é possível agora ter-se a ata pronta hoje, tenha a bondade de me encher os boletins, mas eu quero boletins totais. Então um fósforo

bem vestido: – Mas o presidente mandou dar boletins parciais. – Mas eu quero totais como a Lei exige. – Mas se nós (agora já era o “nós”) damos a votação do seu candidato basta. O Católico principiou perdendo a calma afetada. – Não basta! o sr. sabe que não basta! – Pois então o sr. desconfia de nós!! – Pois será isso se o sr. quer mas eu quero boletins totais ou os livros não saem daqui hoje.

Foi uma balbúrdia. Todos discutiam – Então temos que ficar aqui a noite inteira! – Pois ficamos, pronto! – O sr. está abusando! – Quem é o sr.? O que que o sr. tem com a mesa. – Eu sou fiscal! – Fiscal aonde? – Sou fiscal pronto! – Pois então defenda os interesses dos seus clientes como eu defendo do meu! E houve até um perrepeista que gritou – Isto é uma vergonha! (!!!) – Seu secretário escreva. E o Católico meio se soergueu pra passar os boletins ao secretário. Então é que o mocinho cumpriu o destino que lhe tinham mandado os chefões, aproveitando a juvenil miséria do desgraçadinho. Estava rente à mesa sentado num banco, simulou conflito, deu um pulo, saiu correndo, berrando, furou a capangada, pulou a janela alta de 4 metros dando pro jardim. Tumulto. Um corre daqui, outro corre dali. Os mesários correm. O Católico não sabe o que é. O outro mesário democrático, último e único democrático ainda no recinto, desaparece também. O Católico de repente lembra: – Os livros! Os livros tinham desaparecido. – Cães, roubaram os livros. Um dos chefões apalpava o ombro do Católico. – Acalme-se dr!! – Não me acalme! cães! ladrões! Carlos se aproximara, segurava o Católico por trás com a intenção de proteger-lhe as costas. – É inútil, Católico! Vamos embora. Nisto o Católico divisou no canto, o negrão doce secretário. Como a posição do Católico era mais junto da porta, os ladrões de livros, mesários etc. tinham escapulado pulando a janela. O negrão doce quis também mas, vendo a altura, não tivera coragem de saltar. Estava ali num martírio terrível. – Seu secretário, venha cá. Ao menos os boletins eu quero. Mas então os capangas cerravam em torno do Católico e o secretário deu uma corrida, fugiu pela porta. O Católico perdera totalmente a noção de si mesmo, era um possesso que fazia dó. – Ladrões! ladrões! Miseráveis! (Nem ao menos sabia dizer uma palavra-feia que essas ao menos satisfazem, descarregam a alma) Ladrões! Cães! filhos de cães! Os distintos perrepeistas bem vestidos, no fundo, embora frios na decisão de suas misérias, sentiam piedade. Uma piedade que lhes dava por dentro uma derrota triste – Dr. se acalme. Agora o delegado vinha. – Ladrões! Miseráveis!... Mas dr. não há um meio? – Não há, o sr. bem sabe que não há! – Mas lavre seu protesto. – Pra quê? O congresso desses, desses miseráveis não reconhece. O delegado era habilíssimo. Provocava uma discussão de processos pra acalmar o Católico. Carlos empurrava o amigo pra porta, sempre lhe encobrendo as costas. Ambos sem uma arma naquele meio de 90 armadíssimos, porque na porta do grupo havia revestimento, efetivo só quando o indivíduo entrando era declaradamente democrático ou desconhecido. Foram saindo. O Católico já estava em si outra vez. Ia empurrado, mas repetindo sempre, agora só pra sustentar a atitude: Ladrões! Cães miseráveis! No portão havia um soldadinho. – Seu delegado, deixa sair. E ao gesto abriu o portão. O Católico virou-se pro grupo dentro: – Ladrões! na rua cercaram-no os democráticos. Um gaúcho que viera assistir as eleições paulistas, ria, ria.

A narrativa recupera o relato do incidente ocorrido na zona eleitoral da Penha, conforme carta de Mário de Andrade a Antônio de Alcântara Machado, de 2 de março, 1930, no dia seguinte ao pleito presidencial:

[...] esta carta está me fazendo bem, esbarrondado que vivo desde anteontem com as eleições. Outra coisa é ver, não tem dúvida... Sabia o que eram os roubos, as sem-vergonhices, o perrepismo eleitoral do Perrepê. Mas não tinha visto, era tudo lido nos jornais e sentido por essa tabela deformante, que não possui a única coisa que nos faz visíveis a nós mesmos, a experiência. Agora vi. Numa sala de escola na Penha assisti a todo um conluio pra roubar livros de ata e não dar boletins, sujeitos “limpos” em confabulação com capangas e aproveitando a infeliz miséria duns rapazolas de dezoito anos, todos anchos do papel que iam fazer. Chorei horrorizado os olhos baixos duns seres abúlicos, secretário, um mesário, que estavam com vergonha, mas fazendo o que os mandavam fazer. Percebi os democráticos um por um fugindo da sala. O telefonema chamando o presidente da mesa que a mulher dele estava muito grave. E quando chegou o momento – passei duas horas de morte, imagine você, meu mano o fiscal – éramos o Carlos chamando em gritos de “cães, miseráveis, ladrões” uma corja de umas cinquenta pessoas, eu protegendo-o pelas costas e mais ninguém. Os cinquenta armados. Nós sem nenhuma arma porque eleitor democrático não entrava na sala sem revistamento de verdade. Isto é: havia ainda um gaúcho que viera num grupo assistir às eleições paulistas. Esse não podia ter a mínima participação nem de defesa no caso. Fingiram a arruaça, um corre pra cá, outro corre pra lá, gritos, meu irmão junto da porta pra não passar os que estivessem com os livros, pularam pelas janelas. Uma coisa inconcebível, desumana. Eu não sei! Uma vontade de suicídio imensa. Em quase toda a parte foi a mesma coisa. Onde não foi, como no Tietê, com Piza delegado, o Getúlio conseguiu até ter maior número de votos! o que é mesmo inacreditável. Agora o que se espera é a guerra civil e o “não se sabe não” do Jorge Fernandes.

Os exemplos convalidam dois recursos de que o escritor lança mão em seu trabalho criativo. No entanto, sabemos que existem infinitas possibilidades. Jean Levaillant afirma: “O inacabamento me parece, então, um lugar de fronteira, um objeto fronteiro, um espaço relacional, o signo de um sentido a inventar. Sinal de um novo gênero: o branco, o não-dito, ou a escritura em desordem, sem solução, como signo do possível ou do impossível”¹¹. Aliás, Silvina Rodrigues Lopes, no “Prefácio” de *Elogio do inacabado* de Agustina Bessa-Luís, conduz:

A poeticidade do mundo que se assina numa obra literária é o seu modo de abertura à mudança, o seu inacabado. Como notou Baudelaire, a partir de esboços de Corot, “uma obra feita não é necessariamente acabada e uma obra acabada não é necessariamente

11 Texto original: “L’inachèvement me paraît donc un lieu frontière, un objet-frontière, un espace relationnel, le signe d’un sens à inventer. Signe d’un nouveau genre: le blanc, le non-dit, ou l’écriture en désordre, sans solution, comme signe du possible ou de l’impossible.” (LEVAILLANT, Jean. “Inachèvement, invention, écriture, d’après des manuscrits de Paul Valéry. In: HAY, Louis (Org.). *Le manuscrit inachevé: écriture, création, communication*. Paris: Éditions du CNRS, 1986, p. 101).

feita”. Em esboços abandonados pode emergir aquela intensidade de escrita que mantém inacabada uma forma artística que o artista apresentou como terminada e que constitui a sua resposta à “plenitude caótica” [...]. Tal intensidade existe sempre apenas no encontro do leitor com o texto [...]”¹².

O presente escrito pretendeu aproximar o leitor do texto de Mário de Andrade, ao acrescentar novos aromas à parcela do romance *Café* que veio a público em 2015.

Café
Política e Reciclos

Quando o Católico se mete na política, quem sabe se é preferível um rei, ou faz-lo comunista, ou democrata, porque isso penetra mais fundo na realidade do país e do Estado. E então faz-lo fiscal surras, eleições, porque assim derrava o roubo de eleições e a reforma da boletim, a que assiste na Paulista. O político representante o dr. Maurício Andrade e no mesmo papel se apresenta em botaria o próprio Carlos, que quando então seu mestre se uniria sentimental fora com paulista e amigo e protege-lo. A cronologia fica perfeita quanto justa pois a parte central do livro, "Carlos e Maria" se dá no arrebatamento da crise do café por fim em 1929, e as eleições não a 1º de março em 1930. Abandonada a Maria por Carlos em outubro de 1929, dá tempo pra Católico resolver brilliar no primeiro caso, entrar pro Partido Democrático e ser fiscal da Paulista.

Detalhes da descrição do texto na Paulista:
Tudo o que tem até a hora de entrega de boletim, as fiscalizações democráticas, descrição da cidade, a situação de votar por si mesmo ou de pressão, por operários e gente do povo. Entendo aqui da nova raça estrangeira. Brasileira dos paulistas. Os estrangeiros paulistas, os paulistas do sec. XVIII, os que foram os primeiros, Goyan, Mato Grosso, Rio Grande do Sul. Os novos paulistas eram os que se chamavam brasileiros filhos de Italianos espanhóis, sírios, alemães etc. mestiços sem nenhuma coragem, mestiços de Capote.

Os autônomos de votar. Carlos se machos pela cidade.

Os cartões, recados e orações pra vencer

Figuras 5, 6, 7, 8, 9 e 10. Notas-esboços vinculadas à sexta fase de criação do romance *Café*, pensada para compor a parte central do livro

12 LOPES, Silvana Rodrigues. “Prefácio”. In: BESSA-LUÍS, Agustina. *Elogio do inacabado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014, p. 10.

cartazes, incolumnes, nas casas de família.
a reclusão que alta sociedade que ameaça-
da de ~~catolinos~~, assim mesmo rezou
os cartazes nos muros da casa dela.

Os abstencionistas, ricardo P. Prado, Lou, bon-
to de Barros, Rubens, praxos de anserola, que
acabavam oultendo um sorriso de su-
perioridade a inenarravel vergonha mo-
ral de que se sentiam tomados.

Os carnavalescos danados com a eleição e
de se preocupando com fantasias e bailes
e corse. O pleiteo caiu junto no sabado de
Barraes. O Director perreputa de Bray
se apraition disse iluminando a a-
venidas e alto garua e Prangel Pestana
profusamente, blando irio pro povo seu-
vergubia. grandes paos atravessando as
e subvicias de cada a cada, Viva o dr. Ju-
lio Prates, Viva o dr. Silvio de campos,
eti.

Fatos isolados de independencia politica. Em
P. Miguel tudo nem havia partidos democra-
tico, tudo era perreputa e italobrasileiro que
quis votar no Getulio Vargas. Marão da sua-
na. Ou sua deixam votar no Getulio ou entã
nã vote! Ameaças de ilio perreputa. - 3^o vote
nã vote! Tã simplicite e caso que acabaram
deixando um voto nã! Em duas 6000 eleitores!
+++ tudo por causa de um pai que se desfeitou
a tudo por causa de filha professora que
ele queria colocar em S. Paulo.

Paula, hora dos resultados. Julio Prates se
com 50% a mais, o que era uma victoria es-
tupenda pro deivo rativos. Recusa de entrega
de boletins da mesa de 1^o seção. 2^o e
5^o entregaram. a 4^o continuava a jurando.
2^o e 4^o nã funcionavam.

Tudo a noticia da recusa de 1^o seção cor-
reu rapida no edificio do Grupo la vellar
onde as mesas estavam funcionando. Os
perreputas se antressarriram. Os democra-
ticos se contavam o caso ja disse afrontado.
Pouco a pouco a sala se encheu de indi-
viduos manifestamente capangas e que
se enortavam com a maior intensidade

aos ferrapistas, bem vestidos, gente fincamente distinta. Colocavam-se no lado da direita. Ferrapistas, semi-morais, os que tinham fundado no 3^a e 5^a seções, e que tinham por propósito fugido até a sala de 8^a foram se retirando. Os democráticos foram se retirando com seus barcos via Larrarizado, e os tais com suas famílias, toda a sociedade e o Católico abandonado naquela noite da morte.

O momento de 18 anos que Carlos não podia por esta explicar a importância que ele se dava não tendo parado, adiante, vaidoso de si, buscando olhares e sorrisos de simulação com o chefe ferrapista que quem lhe respondiam ao nível. O momento se atirou por os capangas, recebendo desta a linguagem de ameaça que queria.

Principio a leitura. O Católico que também perubia tudo, mas como reagir? passou ofertando calma, os boletins, pro presidente da mesa. - O sr. tinha bondade de me encaminhar os boletins. Um pequeno momento de hesitação do presidente, professor de ollos baixos, magrezo e caixa-doculho, um dos poucos, os responsáveis pela tragédia de Palmistal. - O sr. secretário terá a bondade de encaminhar o boletim.

O secretário era um negro de um vestido de cor clara, que se recuperado, mandado pelo copilador recebidos, que não encaminha boletim nenhum, ollos baixos, arrastando na anca dos degradantes negros, mexia nos papéis sem saber o que fazer. O mesario ferrapista ao lado dele o salvou. - Escusa a ata primeiro, e foi ditando a ata que o secretário se revia em letra agitada e sem jeito.

Então apareceram no grupo de capangas que rodeavam a mesa a figura, e lá fora um miserável salido do bairro, babado com

Eu não e fuderasta passivo, seu presiden-
ta araba eu telefonar da sua casa pro
Sr. de lá que sua senhora está muito
grave. O presidente apertou uma agitação
dramática, minha mulher!... levantou.
Sentou. Levantou. - Vamos seu presidente,
o automóvel está esperando. O presidente
saindo correndo. De repente voltou. O
motô d'ordem era outro. "Evitar crises
o mais possível". Voltou. - Sou secretário
em direito o boletim assinados, o Sr. do
boletim parciais. Sem olhar pra mim-
mesmo. O católico: - Sr. Presidente, eu que-
ro boletim totais como a lei exige. O
candidato não responde. Não se deram.
ta, achava no outro lado o chefe e
incapaz de representar falava com a
máxima calma: - Vou, seu presidente,
sua senhora está muito grave! - E olha
na pro lado outra vez. E lá foi o presi-
dente arreando.

Começou então a discussão. O católico sem
pre apertando alguma ~~matéria~~ paixão
o boletim pro secretário - Fale secretário,
não é possível agora ar-se a esta pron-
ta hora, tenha a bondade de me en-
viar o boletim, mas eu quero boletim
totais, então um fôfuro bem vestido: -
Mas o presidente mandou dar boletim
parciais. - Mas eu quero totais como a
lei exige. - Mas se nós (agora já era o
«nós») damos a votação do seu candida-
to basta. O católico persistiu pedindo
a calma apertada. - Não basta! o Sr. se-
nha que não basta! - Pois então o Sr. des-
corria de nós!! - Pois será já si o Sr.
quer mas eu quero boletim totais ou o
novo não deve seguir hoje.

Foi uma balbúrdia. Todos discutiam
- Então temos que ficar aqui a noite in-
teira! - Pois ficamos, pronto! - O Sr. está
alucinado! - Mas é o Sr? O que que o
Sr. tem com a morte. - Eu não fico! -
- Ficarei voude! - Sou fiscal pronto! - Pois

3

antes defendendo os interesses dos seus
clientes como em defensão do suar! - E
hoje ali sem perrepieta que se tem
- Este é uma vergonha! (!!!) - Sem
secretário esrava. E o batolico veio se
acorguen pra passar o boletim, ao se-
cretario. Então é que o moçoinho cumprin
o dentista que elle tinha mandado os
chefes, e proximitando a juvenis miserica
do despregaçadinho. Retava route á mesa
rente do seu banco, sicumbou unglipio, deu
um pulo, saiu correndo, barrando, pulou
a capang, uolo, pulou a janela de lá de
4 metros de modo pra jardim. Turbato. Um
corre seguiu, outro corre dali. Os mesa-
rios correm. O batolico não. Não. É que
é. O outro mesario democratico, ultimo
é. Não democratico ainda do reinato,
desapareceu tambem. O batolico se repen-
te lembra! - Os livros! Os livros tinham
desaparecido: - Cães, roubaram os livros.
Um dos chefes apalpava o ombro do ba-
tolico - Acalme-se dr.! Não me acal-
me! cae! ladrões!. Carlos se aproxima-
va, segurava o batolico por trás, com a
intenção de proteger. ele os outros. - E im-
tal, batolico! Não se enbora. Fobia au-
te o batolico se divison no canto, o negro
doce secretaris. Como a fozção do bato-
lico era mais finita dea parte, o ladrão
de livros, mesarios etc. Tambem se apo-
sido pulando a janela. O negro doce
quis tambem nos eia sendo a alu-
ra, não tevea coragem de saltar. E.
Tava ali um quartirio terrivel. - Sem
secretario, vaula lá. Ao avens o bolet-
im, em guero. Mas antes o capangor es-
ravan um torço do batolico e o secreta-
rio, deu uma corrida, fugiu pela porta.

O Catolico percebera totalmente a reacção de si mesmo, era um passageiro que fogia de si. — Ladrões! Ladrões! Miseráveis! Quem ao menos sabia dizer uma palavra, feia que era, as suas mãos e pés, de arrependimento a alma) Ladrões! Bão! filhos de cães! Os distintos ferrapicotes, bem vestidos, no fundo, embora puros na decisão de suas misérias, sentiam piedade. Uma piedade que lhes dava paz dentro uma disputa triste — De se acalma. Agora o delegado virilha. — Ladrões! Miseráveis! suas dr. não ha um meio? ~~outra~~ — Não ha, o sr. bem sabe que não ha! — Mas leve seu protesto. — Proximo! O conyug. no centro, desses miseráveis não recuava. O delegado era habilitissimo. Provocava uma discussão de piceiros pra acalmar o Catolico. Carlos empurrava o amigo pra porta, sempre de um movimento as costas. Andava sem uma arma naquele meio de jo armacinhos, porque na porta do grupo havia levantado o espectro no quando o individual em trando era de clara declaração de oratório ou de verdade. Foram namoro. O Catolico já estava com si outra vez. Já empurrado, mas repetindo sempre, agora só pra sustentar a attitude. Ladrões! Bão! miseráveis! No portão havia um soldado de artilharia. — São delegados deixo sair. E a gente abriu o portão. O Catolico virou se pro grupo dentro. — Ladrões! Na rua cercaram-se os delegados. Um galcho que